

A CIDADE E O URBANO TÊM LUGAR NOS ESTUDOS DE HISTÓRIA AMBIENTAL? A ABORDAGEM DA HISTÓRIA AMBIENTAL URBANA*



DO THE CITY AND THE URBAN HAVE A PLACE IN ENVIRONMENTAL HISTORY STUDIES? THE URBAN ENVIRONMENTAL HISTORY APPROACH

Patrícia Vargas Lopes de Araujo¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma discussão sobre a História Ambiental Urbana a partir da elaboração de uma revisão historiográfica que procura analisar o surgimento deste campo de estudos, as relações com a área da História Ambiental, indicar alguns de seus principais seus autores, bem como a definição de suas principais temáticas. A revisão historiográfica resulta de uma seleção/recorte de artigos e obras de pesquisadores norte-americanos, considerando a abordagem metodológica da Revisão Sistemática da Literatura (RSL). Inicialmente, apresenta-se aspectos relativos ao processo de urbanização no período posterior à Segunda Guerra Mundial, seus efeitos sobre as transformações ambientais e o surgimento do campo da História Ambiental, decorrente das transformações verificadas nas décadas de 1960 e 1970.

Palavras-chave: História Ambiental; História Ambiental Urbana; Cidade e Urbano.

Abstract

The aim of this article is to discuss Urban Environmental History based on a historiographical review that seeks to analyze the emergence of this field of study and its relationship with the field of Environmental History, to indicate some of its main authors and to define its main themes. The historiographical review is the result of a selection of articles and works by North American researchers, taking into account the methodological approach of the Systematic Literature Review (SLR). Initially, aspects relating to the urbanization process in the period after the Second World War are presented, its effects on environmental

*Este artigo apresenta resultados do Projeto de Pesquisa "História Ambiental Urbana como campo de pesquisa - A abordagem da Revisão Sistemática da Literatura (RSL)", com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no período de 2022-2023, na forma de bolsa de iniciação científica. Expressa-se agradecimentos a Nicolle Stéfane de Oliveira Lima, bolsista PIBIC-CNPq, e a Marcella Fonseca Cassiano, bolsista voluntária.

¹ Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pós-Doutorado pelo Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é Professora Associada III do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: patricia.lopes@ufv.br.



transformations and the emergence of the field of Environmental History, arising from the transformations that took place in the 60s and 70s.

Keywords: Environmental History; Urban Environmental History; City and Urban.

Introdução

No começo do ano de 2022, mais especificamente em 28 de maio de 2022, fomos impactados por noticiários televisivos com informações sobre as chuvas torrenciais na região do Grande Recife, deixando, segundo informações iniciais, trinta e três mortos². Tais notícias eram constantes, seja nos noticiários televisivos ou na imprensa escrita que, desde o fim do ano de 2021 e início do ano de 2022, informavam, com certa regularidade, sobre catástrofes causadas por chuvas volumosas que atingiam diferentes regiões brasileiras tais como Bahia, Minas Gerais, São Paulo, sul do Brasil³ e Pernambuco.

Também no princípio do ano de 2023, inundações e chuvas torrenciais na região litorânea de São Paulo, principalmente na localidade da Barra do Sahy, causaram muitas mortes e imensos prejuízos ambientais e econômicos, o que desencadeou, mais uma vez, a produção de notícias pela imprensa, além de ações por parte de governantes e posturas de pesar pela população brasileira em geral. Embora não sejam situações novas ou inesperadas uma vez que, de tempos em tempos, chuvas torrenciais, enchentes e catástrofes ocorrem no território brasileiro, ainda assim, assistimos chocados aos vídeos divulgados pelas redes sociais, jornais televisivos e outras mídias, os desastres acarretados.

² Mônica Silveira (ao vivo). Sobe para 33 o número de mortos por chuvas no Grande Recife. **GloboNews**, Edição do Meio-Dia, 28 mai. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/playlist/globonews-ultimos-videos.ghtml>. Acesso em: 28 mai. 2022; ALVES, Pedro. Chuvas no Grande Recife causa deslizamentos de barreiras, alagamentos e transtornos. **G1 Pernambuco**, 28 mai. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/05/28/chuva-no-grande-recife-causa-deslizamentos-de-barreiras-alagamentos-e-transtornos.ghtml>. Acesso em: 28 mai. 2022.

³ PEGORIM, Josélia. Muita chuva sobre GO, MG e RJ no início de 2022. **Canal YouTube Climatempo Meteorologia**. Disponível em: <https://youtu.be/QOODwTUht5E>. Acesso em: 28 mai. 2022; DA REDAÇÃO. Chuvas em SP superam média histórica para mês de janeiro. **Nexo Jornal**, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2022/01/31/Chuvas-em-SP-superam-m%C3%A9dia-hist%C3%B3rica-para-o-m%C3%AAs-de-janeiro>. Acesso em: 28 mai. 2022.



Nessa perspectiva, embora o fenômeno das chuvas tenha cada vez mais impactado sensivelmente as cidades provocando mortes, situações de pessoas desabrigadas, diversos prejuízos materiais, transtornos na mobilidade urbana, interrupções de serviços, dentre outros problemas, ele não é novo. Por outro lado, diferentemente de outras épocas em que tais notícias tomavam a imprensa, atualmente as principais causas desses episódios estão relacionadas as circunstâncias da aceleração de mudanças climáticas severas, as transformações socioambientais e a própria relação humana com o meio ambiente e, particularmente, com o meio ambiente urbano. Por essa lógica, as cidades, densamente povoadas e sob impactos ambientais (desmatamentos, assoreamentos de rios, ocupação de encostas etc.) estariam cada vez mais atingidas por estes efeitos.

A ocorrência de tais eventos nos permite, portanto, constatar a importância e a contribuição dos estudos relacionados ao campo da História Ambiental e sua relevância no conjunto da produção historiográfica contemporânea. Surgida entre os anos de 1960 e 1970, a História Ambiental traz, como objetivo, o entendimento sobre como os seres humanos foram afetados através do tempo pelo ambiente natural e como as suas ações afetaram tais ambientes. Mas foi a partir da década de 1990 que a História Ambiental nos possibilitou pensar também sobre as relações entre as cidades e a natureza. E assim desenvolveu-se o campo da História Ambiental Urbana, delineada pela constatação da ausência ou da marginalização do urbano e da cidade nos estudos sobre História Ambiental, procurando problematizar questões sobre a relação entre cidade, urbano e meio ambiente.

Este artigo tem como objetivo, portanto, contribuir para o conhecimento dos estudos do campo da História Ambiental Urbana, problematizando seu contexto de surgimento, buscando estabelecer quais temas, abordagens e perspectivas teóricas são tratados, bem como seus principais autores e correntes. Para esse fim, partimos de algumas indagações: Pode a cidade ser objeto de estudo da história ambiental? Por que a cidade e o urbano estiveram à margem da discussão dos estudos de História Ambiental? Por que, não obstante as demandas sociais e os avanços das problemáticas em História Ambiental, a



História Ambiental Urbana parece ainda permanecer como campo marginal do conhecimento historiográfico?

Para efetuar tais discussões foi realizada, em termos metodológicos, a elaboração de uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) sobre os estudos de História Ambiental Urbana. De acordo com Galvão e Ricarte⁴, a RSL caracteriza-se por ser uma modalidade de pesquisa que vai além da revisão usual da literatura, pois segue protocolos específicos e busca estabelecer coerência com um grande *corpus* documental. Nesse sentido, a Revisão da Literatura é uma parte significativa no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e científicos, pois permite explorar e mapear a produção de determinada temática de estudos; identificar lacunas na literatura e apresentar contribuição para um determinado campo científico; indicar temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisas, entre outras possibilidades.

A RSL é um termo amplo e difuso que compreende todos os trabalhos publicados que possibilitam a análise bibliográfica abarcando temas específicos. Sob essa ótica, a RSL não se trata simplesmente da reunião de um conjunto de trabalhos que se julga relevante para a investigação de uma temática sem a apresentação de critérios de como esta revisão foi realizada. Como modalidade de pesquisa, a RSL, como já explicitado acima, segue seus próprios protocolos específicos em prol do estabelecimento de um *corpus* de pesquisa que se quer coerente.

As revisões sistemáticas são compreendidas como estudos secundários cujas fontes de dados são os estudos primários, ou seja, artigos científicos, livros e estudos mais robustos que relatam os resultados de pesquisa diretamente. Para elaboração de revisões sistemáticas devem ser estabelecidos os seguintes procedimentos: 1) elaboração da pergunta de pesquisa; 2) busca na literatura; 3) seleção de artigos (outros estudos científicos e acadêmicos); 4) extração de dados;

⁴ GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão Sistemática da Literatura: conceituação, produção e publicação. **LOGEION**: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, set. 2019/fev.2020.



5) avaliação da qualidade metodológica; 6) síntese dos dados (metanálise); 7) avaliação da qualidade das evidências e 8) redação e publicação dos resultados.⁵

Por meio de uma abordagem quali-quantitativa e da adoção da metodologia da Revisão Sistemática da Literatura (RSL), realizou-se o levantamento sistemático a partir da consulta aos sites: *American Society for Environmental History*; *Environmental History*; *European Society for Environmental History*; *Sociedad Latino-americana e Caribenha de História Ambiental*; Biblioteca Online de História Ambiental; *Scientific Electronic Library Online*; *Portal de Periódicos Capes* e *Urban History Review*. Como procedimentos adotou-se a “busca avançada” e “por palavras-chave”, usando operadores booleanos AND/OR.

A adoção destes procedimentos resultou em 59 artigos publicados entre 1993 e 2020 de autores de diversas nacionalidades, que fizeram uso do termo “História Ambiental Urbana” nos títulos de seus textos ou nas palavras-chave. Desse conjunto, parte dos textos foram discutidos apoiados em uma revisão historiográfica sobre o tema. Neste artigo, optou-se pela seleção de um *corpus* de 14 artigos e um livro, especificamente, publicações de pesquisadores norte-americanos ou de discussões que tomavam como foco de análise os Estados Unidos, formulando discussões acerca da História Ambiental Urbana a partir de uma perspectiva teórico-conceitual.

O surgimento da História Ambiental

Como chama atenção José Augusto Pádua⁶, o aparecimento de um “ambientalismo complexo e multissetorial” a partir dos anos 1970, à princípio nos Estados Unidos, de ampla repercussão na “cena pública global”, “representou um dos fenômenos sociológicos mais significativos da história contemporânea”. Ainda, segundo o autor, a ideia de ecologia difundiu-se para fora dos “muros acadêmicos” inspirando o “estabelecimento de comportamentos sociais, ações

⁵ GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. “Revisão Sistemática da Literatura: conceituação, produção e publicação”. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, set. 2019/fev.2020.

⁶ PÁDUA, José Augusto. “As bases teóricas da história ambiental”. **Estudos Avançados**, n. 24, v. 68, p. 81-101, 2010. (p. 82)



coletivas e políticas públicas em diferentes níveis de articulação, do local ao global”⁷.

Para Nicolau Sevcenko⁸, a grande diferença apresentada pelo século XX, diante dos demais períodos históricos, foi a tendência contínua e acelerada de mudanças tecnológicas que repercutiram sobre praticamente todos os campos da experiência humana. O outro lado desse desenvolvimento foi o custo ambiental. Em função dessas circunstâncias, a exposição de milhões de pessoas a riscos ambientais, em diferentes partes do mundo, fomentou o interesse de investigadores sociais sobre tais problemas. A maneira como as sociedades contemporâneas calcularam o crescimento demográfico urbano, não raro fundadas sobre desigualdades espaciais e ambientais, levou ao aumento dos problemas ambientais que, historicamente, haviam enfrentado as cidades como a contaminação da água, a poluição, os problemas sanitários, os riscos de catástrofes ambientais etc., ao lado de esforços empreendidos para resolver os impactos ambientais.

Sob impacto das questões ambientais relacionadas às cidades, emergiram movimentos sociais, agências internacionais de cooperação e governos voltados para a resolução de novos problemas urbanos. Nesse contexto, ampliaram-se os debates acerca da “sustentabilidade urbana”, fazendo surgirem estudos sobre o ambiente urbano. Outra abordagem relacionada à inversão de capitais das grandes corporações nas cidades e à privatização de serviços públicos, promoveu estudos que buscaram a compreensão dos nexos entre os problemas territoriais e sociais relacionados a essa inversão, destacando-se as investigações acerca das dinâmicas de privatização de aquedutos urbanos e estabelecimentos de redes de abastecimento de água.

Diante do otimismo desenvolvimentista e da configuração de uma sociedade capitalista de consumo, surgiram contestações. Como esclarece Regina Horta Duarte⁹, tais contestações se materializaram de diversas formas como, por

⁷ PÁDUA, José Augusto. “As bases teóricas da história ambiental”. **Estudos Avançados**, n. 24, v. 68, p. 81-101, 2010.

⁸ SEVCENKO, Nicolau. “Aceleração tecnológica, mudanças econômicas e desequilíbrios”. In: **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 23-54

⁹ DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 14-21.



exemplo, por meio do cinema, músicas, literatura, debates políticos e movimentos culturais. Muitas delas ligadas aos movimentos sociais e contraculturais dos anos 1960. Parte dessas críticas foram direcionadas ao pensamento científico dominante, marcado pela racionalidade mecanicista sobre o mundo natural, a separação antagônica e artificial entre mundo natural e mundo humano, entre sociedade e ambiente.

Nos Estados Unidos, mesmo antes desse período, já ocorriam manifestações de grupos de preservação da vida selvagem ou de apoio à conservação de recursos naturais que agiam em prol da aprovação de leis e regulamentação da exploração da natureza. Um grupo significativo era constituído por intelectuais e cientistas de diversas regiões norte-americanas que se posicionavam contrários ao uso da tecnologia nuclear para a produção de armas¹⁰. Na mesma época outras pautas ligadas às questões ambientais começaram a mobilizar a opinião pública e os debates, tais como: degradação ambiental, problemas ecológicos decorrentes da industrialização, transferência de tecnologia produzidas durante a Segunda Guerra Mundial para finalidades civis, desenvolvimento de produtos agrotóxicos e seus impactos sobre produção agrícola, alimentação e problemas de saúde, maquinários. Tais debates permitiram a construção de movimentos ambientalistas, do ecofeminismo, da justiça ambiental, entre outros¹¹.

É neste contexto que surge a História Ambiental como novo campo de pesquisa, denotando, como explicita Regina Horta Duarte, que os historiadores, ao dirigirem suas investigações para esta nova área de estudos, acompanhavam e estavam sintonizados às demandas sociais de seu próprio tempo, “como homens em diálogo com seu tempo e, principalmente, como pesquisadores de um saber não apenas válido, mas essencial para compreendermos nosso presente e atuarmos na construção do futuro”¹². Assim, a compreensão da historicidade que

¹⁰ KLANOVICZ, Jo. “O antropoceno e outras periodizações para uma história ambiental do tempo presente”. In: ELÍBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael (org.). **Tempo presente: uma história em debate**. Rio de Janeiro: Autobiografia; Recife: EDUPE, 2019. (p. 208)

¹¹ MERCHANT, C. **Reinventing Eden: The Fate of Nature in Western Culture**. New York: Routledge, 2004.

¹² DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (p. 32)



permeia as relações entre sociedade e natureza permitiu a elaboração de instrumentos, ações e posturas mais críticas diante dos debates sobre meio ambiente.

O termo “História Ambiental” foi cunhado por historiadores norte-americanos, reunidos em 1977, em torno da fundação da *American Society for Environmental History* (ASEH) e da revista *Environmental History*, dedicada ao tema, bem como da organização de congressos anuais. Em 1972 organizou-se na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, o primeiro curso universitário com título de “História Ambiental” ministrado por Roderick Nash, que em 1967 havia publicado *Wilderness and the American Mind*¹³, no qual discutia as representações sobre a vida selvagem na elaboração das ideias sobre identidade nacional norte-americana. Além de um novo campo de pesquisa, Nash indicava, também, como motivação para a criação do curso, a necessidade de uma resposta às demandas sociais e à responsabilidade ambiental.

Na Europa, foi destaque a publicação, em 1974, um número especial sobre “História e Ambiente” da revista *Annales*, que tinha como editor Emmanuel Le Roy Ladurie, que afirmava que não cedia aos modismos da época, pois a revista, desde longo tempo, se interessava pelos problemas de uma história ecológica¹⁴. Anos depois, em 1999 surgiria a *European Society for Environmental History* (ESEH), também publicando uma revista, a *Environmental and History*, e realizando congressos bianuais. Já a *Sociedad Latino-americana e Caribenha de História Ambiental* (SOLCHA) foi criada em 2004 por historiadores latino-americanos durante a realização de um encontro em Cuba, também realizando encontros periódicos e publicações especializadas.

Para Pádua, com a emergência da História Ambiental, os historiadores responderam não apenas às questões políticas e sociais da segunda metade do século XX, mas também a transformações internas ao campo disciplinar da História, concernentes à produção do conhecimento, especialmente as mudanças epistemológicas relativas à compreensão do mundo natural e seu lugar na vida

¹³ NASH, Roderick. American environmental history: a new teaching frontier. **Pacific Historical Review**, n. 41, p. 362-372, 1972.

¹⁴ LE ROY LADURIE, Emmanuel. “Présentation”. **Annales – Économies, Sociétés, Civilisations**, v. 29, n. 3, 1974. (p. 537)



humana¹⁵. O interesse sobre a natureza sempre foi ponto central da cultura ocidental. Neste sentido, não é uma novidade da cultura contemporânea. Tal interesse se manifestou na medida em que todas as sociedades humanas territorializaram-se e apareceram diversas práticas materiais e percepções culturais relativas ao mundo natural. A compreensão sobre esse mundo tornou-se elemento fundamental para o entendimento da própria existência social¹⁶.

No século XX, os debates de História Ambiental não se referiam apenas aos problemas ocasionados pelos seres humanos ao planeta, pois incorporavam a reflexão teórica sobre as relações entre natureza e humanidade, a partir de uma discussão de base filosófica sobre o conceito de natureza. A noção de natureza funcionava como eixo conceitual que construiu o sentido para o entendimento do universo, pois possibilitava a construção da experiência de que existe coerência ontológica no mundo em que se vive. Por outro lado, a imagem humana e da história humana se constituiu, em larga medida, pela oposição à natureza. Desse modo, um conjunto de oposições buscou delimitar, seja por diferenciação ou identificação, a singularidade do fenômeno humano em relação à natureza.

Duas mudanças epistemológicas produziram grandes transformações no entendimento da natureza e trouxeram desdobramentos para a História Ambiental. A primeira correspondia à emergência de novos marcos cronológicos para compreensão do mundo. Essa mudança cronológica, ocorrida nas ciências naturais, produziu impactos epistemológicos nos historiadores ambientais, levando a busca de novas metodologias que possibilitaram pesquisar a história humana a partir de um marco temporal mais abrangente. Dessa maneira, ainda que se estabeleçam períodos curtos para se efetuar as investigações, é preciso não perder de vista as grandes escalas nas constituições dos acontecimentos que se analisa.

Junto às mudanças cronológicas, outra mudança epistemológica esteve ligada à historicidade da natureza, entendida como processo de construção e reconstrução ao longo do tempo. Assim, “as formações da natureza” eram

¹⁵ PÁDUA, José Augusto. “As bases teóricas da história ambiental”. **Estudos Avançados**, n. 24, v. 68, p. 81-101, 2010. (p. 82)

¹⁶ PÁDUA, José Augusto. “As bases teóricas da história ambiental”. **Estudos Avançados**, n. 24, v. 68, p. 81-101, 2010. (p. 83)



compreendidas “como configurações momentâneas de uma história de mudanças ao longo do tempo, cujo destino final é desconhecido”, ainda que tais mudanças “pareçam infinitamente sólidas na sua temporalidade específica, por existirem numa escala muito superior ao do limitado ‘tempo social’ humano”¹⁷.

Essas mudanças epistemológicas, de caráter bastante complexo, estiveram relacionadas, de um modo geral, à transformação da noção de história natural – de exposição organizada do mundo vivo – de acordo com a tradição clássica para uma visão da própria natureza como história. No século XX surgiram, ainda, novas formulações teóricas que contribuiriam para considerar a história como elemento fundamental do entendimento da natureza. Um ponto chave para a sociedade contemporânea foi o desafio de pensar o ser humano na sua totalidade tensa e complexa e em suas dimensões biológica e sociocultural. A História Ambiental, desse modo, como uma ciência social, deve abarcar as sociedades humanas, mas também reconhecer a historicidade dos sistemas naturais. A esse conjunto de reflexões teóricas deve-se também incluir o debate acerca da inserção dos estudos sobre a cidade e o urbano no campo da História Ambiental.

Para Donald Worster, um dos principais expoentes da História Ambiental norte-americana, os historiadores ambientais não deviam se ocupar das cidades (nas palavras de Worster “*built environment*”). Para este pesquisador, as cidades eram “*wholly expressive of culture*” e, portanto, estranha aos objetos de História Ambiental, cujo objeto por excelência era a natureza. Os estudos sobre o ambiente urbano deveriam ser efetuados por historiadores da cidade, da arquitetura e das técnicas. Tais discussões foram apresentadas em *Transformations of the Earth: Toward an Agroecological Perspective in History* (1990)¹⁸ que exprimia uma tendência da História Ambiental norte-americana marcadamente antiurbana e de culto à vida selvagem. Compreendia, portanto, a natureza como o mundo não-humano, excluía o mundo social e distinguia o ambiente natural e construído. A discussão de Worster foi apresentada durante mesa redonda organizada pelo *Journal of American History* e avançava discussões já apresentada em *Doing*

¹⁷ PÁDUA, José Augusto. “As bases teóricas da história ambiental”. **Estudos Avançados**, n. 24, v. 68, p. 81-101, 2010. (p. 89)

¹⁸ WORSTER, Donald. “Transformations of the Earth: Toward an Agroecological Perspective in History”. **Journal of American History**, v. 76, n. 4, p. 1087-1106, 1990.



Environmental History, como apêndice da antologia *The Ends of the Earth: Perspectives on Modern Environmental* (1988)¹⁹.

A reação a esta posição veio dos historiadores Martin Melosi, Joel Tarr e Christine Rosen, que serão discutidos na próxima seção deste artigo, que organizaram um número especial do *Journal of Urban History* defendendo a ideia de que havia espaço para a cidade no interior da História Ambiental. Três argumentos principais mobilizavam esses historiadores. O primeiro aspecto estava relacionado ao fato de ser estranho querer estudar a natureza desconsiderando um dos desafios mais significativos dos dois últimos séculos: a urbanização e a industrialização. O segundo ponto, a contradição que consistia em excluir a cidade dos estudos ambientais sob alegação de que se tratava de uma construção cultural ao mesmo tempo que se defendia os estudos das paisagens agrárias. E, por fim, para Melosi, considerar as cidades, construções humanas, como objeto de estudo menos interessante que as construções naturais, como, por exemplo, os formigueiros, era uma escolha que provocava incômodo porque equivalia questionar o lugar do homem na terra. A partir dessa reação, teve início a defesa da cidade e do urbano como campo possível da História Ambiental e o surgimento de um subcampo, o da História Ambiental Urbana, entrecursando problemáticas tanto da História Ambiental quanto da História Urbana.

Os historiadores europeus, por outro lado, argumentavam que o desenvolvimento da História Ambiental Urbana ajudava a questionar a contraposição, bastante presente no pensamento ocidental, acerca da oposição entre natureza e cultura como dimensões contrapostas. Na América Latina desenvolveram-se estudos que se contrapunham a teoria da dependência e enfocavam o lugar da natureza e sua relação com a sociedade. Os historiadores ambientais urbanos se apoiavam sobre a história social da cidade, a história das ciências, a medicina e a salubridade realizada por urbanistas, antropólogos e sociólogos²⁰. Para Camargo²¹, tais críticas eram centrais para a história ambiental

¹⁹ WORSTER, Donald. **The Ends of the Earth: Perspectives on Modern Environmental**. New York: Cambridge University Press, 1988.

²⁰ CAMARGO, Frank Molano. “La historia ambiental urbana: contexto de surgimento y contribuciones para el análisis histórico de la ciudad”. **ACHSC**, v. 43, n. 1, Ene.-Jun. 2016. (p. 386)

²¹ CAMARGO, Frank Molano. Op. Cit., p. 386



urbana, pois colocavam como ponto chave a resposta às perguntas: “O que é a natureza da cidade?” “Qual é o papel social e a agência que podem ter os corpos de água urbanos, os espaços verdes e matas urbanas, a fauna urbana, o lixo, os vírus?” “Que relação existe entre a cidade e os territórios e regiões que a circundam e os espaços com que se relaciona?”

História Ambiental Urbana

Em *The Place of the City in Environmental History* (1993)²², publicado na *Environmental History Review*, Martin V. Melosi indicava que, desde a década de 1960, estudos da História Ambiental Urbana possibilitaram a condução de pesquisas que resultaram na publicação de livros e artigos. Tais produções traziam para o debate textos sobre os seguintes temas: tecnologia de construção, obras públicas e infraestrutura, serviços ambientais, parques e espaços verdes, poluição, saúde pública, energia, reforma e regulamentação ambiental, engenharia municipal.

Dentre os autores que se destacavam neste campo desde os anos 1970 está Joel Tarr, para o qual, segundo Melosi, a História Ambiental Urbana é “principalmente a história de como as estruturas construídas pelo homem ou antropogênicas (‘ambiente construído’) e as tecnologias moldam e alteram o ambiente natural do local urbano. Com consequente *feedback* para a própria cidade e suas populações”²³. Por outro lado, Melosi argumentava que a definição de História Ambiental Urbana devia ser mais ampla, procurando considerar como as características físicas e os recursos urbanos eram moldados por forças naturais, tais como o crescimento, as mudanças espaciais e o desenvolvimento, além da ação humana. Dessa maneira, segundo o autor, as pesquisas desse campo combinavam o estudo da história natural da cidade com a história da construção desta e suas intersecções.

No entanto, a História Ambiental Urbana sofria, de acordo com o autor, de “três deficiências”. O primeiro ponto a se destacar é que o lugar da cidade na

²² MELOSI, Martin. “The place of the City in Environmental History”. **Environmental History Review**, v. 17, n. 1, p. 1-23, 1993.

²³ MELOSI, Martin. “The place of the City in Environmental History”. **Environmental History Review**, v. 17, n. 1, p. 1-23, 1993.



História Ambiental continuava amplamente mal definido, pois, se o estudo desse campo não foi “empurrado para a periferia da história ambiental”, por outro lado nunca foi realmente incorporado ou integrado. Tal perspectiva estava relacionada ao posicionamento assumido pelos principais expoentes da História Ambiental como o já referenciado Donald Worster, por exemplo. O estudo do ambiente urbano permanecia, desse modo, concentrado nos domínios da História Urbana ou na História da Tecnologia. Como segundo aspecto temos a carência de fundamentação teórica. Alguns estudos buscavam sustentação intelectual no campo da Ecologia Urbana desenvolvida por sociólogos e geógrafos de meados do século XX. Não houve, no entanto, a construção por parte de historiadores de uma base intelectual mais ampla que permitisse a discussão da cidade em termos ambientais. Nesse sentido, destacaram-se os trabalhos de William Cronon, David Harvey e Manuel Castells, dentre outros. Por fim, o terceiro aspecto indicado por Melosi estava relacionado ao fato de que a maioria das pesquisas em História Ambiental Urbana voltavam-se para a discussão de como as cidades funcionavam e não como cresciam, e qual papel as cidades desempenhavam no conjunto do ambiente urbano. Os estudos desenvolvidos foram nomeados por Melosi como “literatura ponte”, pois representavam a transição de pesquisas especializadas em determinados assuntos para uma História Ambiental Urbana plenamente desenvolvida. Por conseguinte, três campos de estudos se dedicaram às pesquisas sobre crescimento urbano, infraestrutura e poluição e saúde.

Em *The Importance of an Urban Perspective in Environmental History* (1994)²⁴, artigo publicado pelo *Journal of Urban History*, Christine Meisner Rosen e Joel Tarr retomaram o debate “*A Round Table: Environmental History*” promovido pelo *Journal Of American History* em março de 1990, momento em que, como já se fez referência, buscavam discutir a consolidação da História Ambiental como um campo histórico dominante. Assim como Martin Melosi, os autores situavam o debate e indicavam o posicionamento do historiador Donald Worster de excluir o ambiente urbano como campo de discussão da História

²⁴ TARR, Joel Tarr; ROSEN, Christine. “The importance of na Urban Perpsective in Environmental History”. **Journal of Urban History**, p. 299-310, 1994.



Ambiental, ainda que reconhecesse o desenvolvimento tecnológico e capitalista como preocupações centrais para seu próprio trabalho.

Circunscrevendo o campo da História Ambiental Urbana, Rosen e Tarr indicavam que historiadores urbanos reagiam a “estreiteza da perspectiva agroecológica da História Ambiental de Donald Worster”. Nesse sentido, apontavam a reação de Martin Melosi em *The Place of the City in Environmental History*, bem como a de Samuel Hays²⁵ na apresentação para a *American Society for Environmental History*, cuja posição foi também a de criticar a definição agroecológica da História Ambiental. Para Hays, ao formular sua crítica, argumentava que para compreender os impactos da sociedade sobre a natureza, os historiadores deviam considerar o papel das cidades no desenvolvimento ambiental bem como das ciências, da política, da regulamentação governamental e da cultura popular. Nesse sentido, ofereciam discussão de caráter teórico, entendendo ser importante cinco aspectos: 1) o impacto das cidades sobre ambiente natural; 2) o impacto no ambiente natural sobre as cidades; 3) a resposta às alterações ambientais urbanas e aos problemas ambientais; 4) a perspectiva urbana e 5) o ambiente construído na história ambiental.

Em *The emergence of urban environmental history* (1999)²⁶, artigo publicado pela revista *Urban History*, Harold L. Platt apresentava uma análise a partir da discussão de três obras: *The Search for the Ultimate Sink - Urban Pollution in Historical Perspective* (1996), de Joel Tarr; *Visions of Eden - Environmentalism, Urban Planning and City Building in St. Petersburg, Florida, 1900-1995* (1997), de R. Bruce Stephenson e *Environmental Inequalities - Class Race, and Industrial Pollution in Gary, Indiana, 1945-1980* (1995), de Andrew Hurley. Segundo Platt, tais textos representavam as origens e a promessa de um campo de estudos relativamente novo: a História Ambiental Urbana. Platt buscava sinalizar, por meio da análise desses três livros, as contribuições, as problemáticas e as potencialidades dos autores em suas respectivas obras, defendendo que, tomados em conjunto, apontavam para um caminho

²⁵ HAYS, Samuel. “From the History of the City to the History of the Urbanized Society”. **Journal of Urban History**, p. 3-25, 1994.

²⁶ PLATT, Harold L. “The emergence of urban environmental history”. **Urban History**, v. 26, n. 1, p. 89-95, May 1999.



importante, de abertura desse campo de estudo histórico, ou seja, do ambiente urbano. Tratando-se de uma apreciação da natureza holística da ecologia e evidenciando a variedade de métodos interdisciplinares utilizados em cada obra, o autor defendia que a pesquisa sobre o ambiente urbano estava inclinada à uma integração das ciências físicas e sociais.

O estudo de Joel Tarr, buscou compreender como a industrialização deu origem não apenas à “cidade em rede”, mas à poluição da água, do ar e da terra. Tarr conduziu suas pesquisas sobre o tema do gerenciamento da água e do descarte dos esgotos desde a década de 1970, destacando-se o artigo *Decisions on wastewater technology* (1977) sobre as condições de abastecimento e poluição da água. R. Bruce Stephenson, por outro lado, voltou-se para discussões sobre planejamento urbano em contexto ambiental, apontando indícios para uma reflexão sobre segregação espacial e justiça ambiental como parte do processo, especialmente da cidade St. Petesburgo, Flórida. O autor defendia que o espaço urbano é terreno de disputa, argumentando que as estruturas de poder da sociedade traduziam-se em hierarquias espaciais que correspondiam à segregação e exclusão. Dessa maneira, a obra contribui para a reflexão de como as categorias classe e etnia são elementos relevantes para determinar como os diferentes grupos constroem percepções sobre o ambiente e produzem agendas distintas de reformas urbanas. O terceiro obra analisada por Platt é de Andrew Hurley. Em seu estudo, Hurley teve como foco a cidade de Gary, Indiana, no pós-Segunda Guerra Mundial levando em conta os processos de mudança ambiental como produto de agendas ambientais concorrentes apresentadas por diferentes grupos sociais. Manejando conceitos de etnia e classe, procurou avaliar como posição econômica, educação e experiência racial conduziam a concepções e estratégias para o enfrentamento da poluição industrial.

Jonathan J. Keyes, em *A Place of Its Own: Urban Environmental History* (2000)²⁷, publicado pelo *Journal of Urban History*, argumentava que, diferentemente da História Ambiental que encontra uma consolidação como campo de pesquisa acadêmica, a História Ambiental Urbana ainda permanecia

²⁷ KEYES, Jonathan J. “A Place of Its Own: Urban Environmental History”. **Journal of Urban History**, v. 23, n. 3, p. 380-390, Mar. 2000.



na luta para se estabelecer enquanto um subcampo. Por outro lado, a questão urbana tornou-se cada vez mais um ponto vital de investigação, produzindo estudos sofisticados e de grande relevância como outros campos da disciplina História. Em particular, o autor procurou destacar o papel das cidades no passado diante das questões ambientais, frente a diversos aspectos tais como: políticos, sociais, econômicos, culturais, físicos e de mudanças ambientais. Contemporaneamente, as preocupações voltaram-se para as discussões em torno da poluição, da sustentabilidade ambiental ou da justiça social. O autor apresentou algumas indagações como, por exemplo: “Por que, então, a perspectiva urbana encontra tanta dificuldade em ser notada dentro do grande esquema da história ambiental?”

Segundo Keyes, as respostas para a questão estavam relacionadas a maneira como se desenvolveu, entre o final de 1960 e o início de 1970, o campo da História Ambiental. Os estudos históricos do meio ambiente consolidaram-se, focando sua atenção quase exclusivamente na temática da agroecologia, dos métodos de produção de alimentos para o consumo humano e da exclusão de qualquer pertinência das cidades nesses debates. O autor compreendia que as cidades eram mais do que apenas objetos valiosos para a História Ambiental. Não obstante a importância e o crescente número de estudos da área, o autor argumentava que História Ambiental Urbana permanecia marginalizada. Por outro lado, os estudos dos ambientes urbanos foram mudando à medida que especialistas formados em História Ambiental tomavam as cidades como seus objetos. Dessa forma, diferentemente de uma História Urbana investigada por meio de temas ambientais, os historiadores ambientais estudavam a cidade para definir “o papel e o lugar da natureza na vida humana”.

Em *Nature's Neighborhood: Urban Environmental History and Neighborhood Planning* (2002)²⁸, publicado no *Journal of the American Planning Association*, Wendy A. Kellogg voltou-se para a discussão sobre a configuração dos assentamentos urbanos e como estes se modificam a partir da interação humana, da produção da cultura, de suas características físicas e os

²⁸ KELLOGG, Wendy A. “Nature's Neighborhood: Urban Environmental History and Neighborhood Planning”. **Journal of the American Planning Association**, v. 68, n. 4, 2002. (p. 356)



recursos ecológicos específicos das áreas. Nesse sentido, o objetivo da autora dirigiu-se para a reflexão de como tais interações criam uma determinada “paisagem” vivenciada pelos seres humanos no dia a dia. A compreensão de “paisagem” estava ligada aos ecologistas paisagistas e aos primeiros planejadores como Olmsted (1870), Geddes (1915), MacKaye (1928) e McHarg (1969), que formularam uma abordagem para o planejamento de assentamentos regionais, fundamentada em princípios da ecologia e sistemas culturais. Nesse sentido, *Nature’s Metropolis* (1991) de William Cronon foi apresentado como um exemplo do esforço combinativo entre os métodos da História Urbana com os conceitos de ecologia regional, pois este autor estudava a relação recíproca entre a exploração de recursos naturais regionais, as mudanças na paisagem e o desenvolvimento econômico urbano de Chicago do século XIX.

Para Kellogg, tais mudanças no ecossistema regional foram experimentadas na cidade, muitas vezes na escala do bairro. O foco principal do artigo era a contribuição da História Ambiental Urbana para as práticas de planejamento ambiental desenvolvidas na escala do bairro, tomando como investigação um bairro de Cleveland, Ohio, Estados Unidos. Estudos a partir da compreensão da História Ambiental Urbana, voltados para tais práticas, permitiram o aperfeiçoamento da base de informações para a programação e para o uso de recursos ecológicos, buscando criar um senso de lugar mais forte e estimular novas percepções para o futuro de bairro.

Em *Effluence, Affluence, and the Maturing of Urban Environmental History* (2004)²⁹, artigo publicado pelo *Journal of Urban History*, Kathleen. A. Brosnan abordava o avanço da História Ambiental Urbana por meio da análise de alguns estudiosos na área, destacando os nomes de William Cronon, Andrew Hurley, Joel Tarr e Martin Melosi. Nesse sentido, inicialmente, fez um balanço da História Ambiental Urbana a partir de seu surgimento nos Estados Unidos e seus desdobramentos posteriores. Segundo a autora, Melosi e Tarr ao desafiarem a proposta agroecológica de Donald Worster voltaram-se para investigações que consideravam a concepção das cidades como ecossistemas com estrutura física,

²⁹ BROSINAN, K. A. “Effluence, Affluence, and the Maturing of Urban Environmental History”. *Journal of Urban History*, v. 31, n. 1, p. 115-123, Nov. 2004.



biológica e social. Nesse contexto, destacavam-se os estudos que tomam as interações entre os movimentos ambientais modernos e a constituição de subúrbios, particularmente, a discussão da obra *The Bulldozer in the Countryside – Suburban Sprawl And the rise of American Environmentalism* de Adam Rome, publicada em 2001.

No artigo *The Material Basis of Urban Environmental History* (2005)³⁰, publicado pela *Environmental History*, Joel A. Tarr discutiu, especialmente, sobre a interdisciplinaridade entre a geografia e a história que abarcavam a História Ambiental Urbana. Nele foi destacado como a geografia foi pioneira no aspecto de estudar o ambiente construído. Como indicado pelo próprio título, o autor traçou a base do estudo da História Ambiental tomando como referência o livro publicado pelo geógrafo Ian Douglas, *The Urban Environment*, que explora os aspectos do ambiente natural da cidade e busca fornecer uma estrutura teórica para debates sobre o desenvolvimento urbano. Segundo Tarr, Douglas enfatizava que entender a cidade significa abordá-la, não apenas a partir de perspectivas sociais, históricas e políticas, mas, também, considerando disciplinas tecnológicas, biológicas e das ciências da terra. A cidade, dessa maneira, é compreendida como uma unidade econômica composta por três sistemas interativos: consumo, comércio e produção. Para Tarr, historiadores ambientais, em décadas anteriores, começaram a trabalhar considerando a abordagem de Douglas, mas, por outro lado, havia grandes lacunas a serem preenchidas, sobretudo no campo dos estudos sobre os aspectos físicos da cidade, incluindo a geomorfologia e hidrologia, a história natural, o clima e fluxos de materiais e alimentos. Sendo assim, em um prisma de análise interdisciplinar, Joel Tarr pontuou que existe uma relação entre o contexto material e a dinâmica urbana.

Publicado pela *Urban Environmental History*, o artigo *The Essence of a Contradiction* (2005)³¹, de Bruce Stephenson, apresentou os trabalhos desenvolvidos por Matthew Gandy, *Concrete and Clay: Reworking Nature in New York City* (2002); Karl Haglund, *Inventing the Charles River* (2002) e David

³⁰ TARR, Joel A. “The Material Basis of Urban Environmental History”. **Environmental History**, v. 10, n. 4, p. 744-746, Oct. 2005.

³¹ STEPHENSON, Bruce. “The Essence of a Contradiction”. **Urban Environmental History**, v. 31, n. 6, p. 887-898, Sept. 2005.



Naguib Pellow, *Garbage Wars: The Struggle for Environmental Justice in Chicago* (2002), examinando as possibilidades de discussão acerca das noções de contradição e de contraste entre cidade e natureza. Nesse sentido, Stephenson propôs, por meio das três obras, traçar pressupostos sobre o campo da História Ambiental Urbana argumentando que os seres humanos inventavam cenários naturais e construía parques porque ansiavam por estes lugares, não só pela beleza e pela comunidade, mas também para participarem de uma atividade ancestral à sua história. A escrita da História Ambiental Urbana é, portanto, menos sobre a reconciliação das tradições do que sobre a revelação dos fundamentos pré-históricos fundamentados na cultura faustiana que sempre busca construir um novo mundo.

Joel Tarr, em *Urban Environmental History* (2010)³², capítulo publicado no livro *The Turning Points of Environmental History*, organizado por Frank Uekötter, discorreu sobre a História Ambiental Urbana enquanto um novo subcampo que se desenvolvia a partir da relação entre a História Urbana e a História Ambiental. O autor demonstrou os pontos de inflexão e identificou os eventos que se relacionavam principalmente com a história ambiental das cidades nos Estados Unidos, mas também, fatores semelhantes que levaram às transformações na Europa, como por exemplo, nas nações mais industrializadas. O autor apresentou quatro períodos sobrepostos, da História Urbana: a cidade ambulante compacta (c. 1790-1870); a industrialização da cidade em rede (c. 1870-1920); o desenvolvimento das áreas metropolitanas (c. 1920-1970); e a era da expansão e fragmentação da urbanização (c. 1970-2000). Nesse texto, o teórico discutiu como estes períodos de tempo não são fixos ou absolutos, mas se adaptam ao caráter espacial e econômico em função das mudanças das cidades moldadas, do desenvolvimento, da construção de infraestrutura pública e privada e das tecnologias de transporte e comunicação. Além disso, as discussões sobre o campo e aqueles que o permeiam, estavam ligadas às necessidades básicas (água, ar limpo, terra, materiais e energia) no contexto do crescimento populacional, espacial e econômico, conectadas às cidades e aos seus problemas resolvidos ou mitigados.

³² TARR, Joel. "Urban Environmental History". In: UEKÖTTER, Frank (Ed.) **The Turning Points of Environmental History**. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 2010.



No artigo intitulado *Nature in the City: Urban Environmental History and Central Park* (2011)³³, publicado por *OAH Magazine of History*, Colin Fisher dissertava sobre o Central Park de Manhattan e sua vasta ilha verde situada no meio de uma das maiores cidades do mundo. Segundo o autor, todos os anos, 35 milhões de pessoas visitam o Central Park, e muitas delas passavam por um dos portões do parque com o sentimento de deixar para trás a cidade e entrar em um “inocente” mundo verde, apresentado como um vestígio de Manhattan original, cuja existência seria anterior ao surgimento da cidade. Para os historiadores ambientais urbanos, no entanto, há dois graves problemas ao se conceber o parque a partir desta perspectiva. Primeiro, porque o Central Park não é tão natural quanto parece e, longe de ser anterior a fundação de Manhattan, sua paisagem é um produto de meados do século XIX que permite compreender as percepções da época vitoriana sobre natureza, assim como questões relativas a política de classe, de etnia, de gênero, de raça e de vizinhança. O segundo problema está relacionado à maneira como os visitantes concebem as relações que se estabelecem entre os habitantes e a cidade de Manhattan. Segundo o autor, tais relações podem não ser tão artificiais como os visitantes do parque podem interpretar, pois ao ver o Central Park como um elemento rejuvenescedor da vida urbana não natural, corre-se o risco de negligenciar as complexas relações que os nova-iorquinos construíram com a natureza fora dos arredores do parque, em casa e no trabalho. O Central Park é, assim, analisado a partir da ideia de paisagem das representações culturais formuladas pelos nova-iorquinos que dele se apropriaram, atribuindo-lhe significados e transformando a paisagem recreativa pela ótica de um grande espaço público. Ou seja, o parque é concebido como conectado à cidade de maneira econômica, política, cultural e ecológica.

No artigo intitulado *History of the urban environmental imprint: introduction to a multidisciplinary approach to the long-term relationship between Western cities and their hinterland* (2012)³⁴, publicado pelo *Regional*

³³ FISHER, Colin. “Nature in the City: Urban Environmental History and Central Park”. **OAH Magazine of History**, v. 25, n. 4, p. 27-31, Oct. 2011.

³⁴ BILLEN, Gilles; GARNIER, Josette; BARLES, Sabine. “History of the urban environmental imprint: introduction to a multidisciplinary approach to the long-term relationship between Western cities and their hinterland”. **Regional Environmental Change**, n. 12, p. 249-253, 2012.

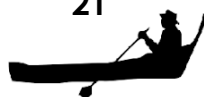


Environmental Change, Gilles Billen, Josette Garnier e Sabine Barles apresentaram uma série de estudos sobre as relações entre as grandes cidade Ocidentais, como Paris, Londres, Bruxelas, Viena, Barcelona, Atenas, Nova York, Providence e seus territórios circundantes durante um longo período histórico. Nele, os autores discutiam o conceito de sertão, introduzido para caracterizar um território rural a partir de suas funções de abastecimento da cidade por meio de alimentos, combustíveis, água e outros materiais. Os autores também questionavam a utilidade deste conceito em um mundo globalizado, em que as cidades são constantemente consideradas como uma forte relação de rede de trocas comerciais mundiais, mesmo onde surgiam novas aspirações dos cidadãos para reconectar territórios urbanos e rurais. Sob essa ótica, o que tornava uma cidade única e lhe conferia identidade era sua área habitada por séculos de sobreposições e mudanças nas atividades da população, sendo esses vestígios não limitados à própria cidade.

Dessa forma, a cidade dependia de seus territórios vizinhos, próximos e remotos, que a abasteciam com alimentação, combustível, construção e consumo de recursos. Desse modo, séculos após séculos, tais áreas circunvizinhas eram também influenciadas pela cidade e eram fortemente estruturadas pela sua função de abastecimento. Mobilizando o termo “*hinterland*”, cunhado para descrever territórios rurais, os autores argumentavam que nos territórios próximos às cidades, a paisagem e a cultura de seus habitantes preservavam os vestígios do desenvolvimento urbano, sendo envolvidos e moldados pela demanda urbana por alimentos, energia, materiais e serviços. Essa transformação das representações geográficas eram descritas pelos os autores como uma mudança histórica das relações entre cidade e campo, em um mundo ocidental em que mais de 80% da população vive nas cidades, resultando no esquecimento ou no desaparecimento de fortes vínculos que uniam os territórios urbanos e rurais.

O artigo intitulado *At a green crossroads: recent theses in urban environmental history in Europe and North America* (2012)³⁵, de Stéphane Frioux, publicado pela revista *Urban History*, o autor formulou, de forma

³⁵ FRIOUX, Stéphane. “At a green crossroads: recent theses in urban environmental history in Europe and North America”. *Urban History*, v. 39, n. 3, p. 529-539, Aug. 2012.



comparativa, uma reflexão sobre as discussões ocorridas na Europa e nos Estados Unidos em torno da História Ambiental Urbana. Nesse sentido, retomou os debates de historiadores proeminentes do campo, como os norte-americanos, Joel Tarr e Martin Melosi. Na Europa, o autor destacou a organização de mesas redondas que evidenciavam a consolidação da História Ambiental Urbana enquanto um campo de pesquisa e sua variedade de abordagens relacionadas e também argumentou sobre a importância da articulação entre a História Urbana e a História Ambiental, além de destacar a relevância da História da Tecnologia e a História Cultura. Para Frioux, os historiadores ambientais urbanos são convocados a refletirem sobre a importância da condução de estudos sobre as relações entre natureza, incluindo não-humanos, e os humanos nas cidades e em suas circunvizinhanças.

Em particular, o autor destacou os resultados de pesquisas de doutorado defendidas àquela época que abordaram a complexidade das relações entre natureza/urbano, como por exemplo, as mudanças dos rios através da ação humana, as ervas daninhas crescendo as margens espaciais e sociais das cidades, as zonas úmidas de maré, progressivamente preenchidas e construídas. Tais estudos apontaram para uma visão do ambiente construído como um espaço híbrido, constituído por elementos naturais, como água, plantas, animais e ação humana. Esta aproximação com a dimensão ambiental, demonstrou que o campo do historiador urbano foi ampliado, tendo em vista que, ao se proceder a estudos que privilegiam a articulação natureza/urbano, nota-se que as vidas dos moradores das cidades são transformadas pela invenção, pela disseminação e pelo impacto ambiental de novas tecnologias, assim como, pelas respostas políticas às crises ambientais. Frioux, no entanto, não obstante à potencialidade das discussões do campo da História Ambiental Urbana, assim como outros autores, indicou que sua principal fraqueza é a de permanecer como um tema marginal em conferências e revistas internacionais, organizadas por associações de História Urbana e História Ambiental. Dessa maneira, buscando contribuir para o debate, o autor identificou quatro tendências existentes e emergentes no campo: a relação entre sociedades urbanas e elementos da “natureza” no ambiente urbano; a gestão de crises de saúde pública e a luta contra a poluição industrial urbana; as conexões



disciplinares entre a História Ambiental Urbana, a História da Tecnologia e a História Cultural; e os esforços emergentes para integrar questões sociais e ambientais em estudos históricos das cidades.

O artigo intitulado *Green Cities, the Search for Sustainability, and Urban Environmental History* (2014)³⁶, de Christopher W. Wells, publicado pelo *Journal of Urban History*, disserta sobre como a História Ambiental Urbana é um campo “em plena floração”. Destacando que desde de 1991, quando *Nature’s Metropolis*, de William Cronon, introduziu o subcampo para um público mais amplo, houve um crescente número de estudos que incluíram tópicos urbanos como seus objetos importantes, dentro do campo mais amplo da História Ambiental, particularmente nos Estados Unidos, mas também em outras cidades localizadas fora dos EUA. O artigo analisa cinco obras, sendo elas: de Dorothee Brantz e Sonja Dümpelmann, *Greening the City: Urban Landscapes in the Twentieth Century* (2011); de Stéphane Castonguay e Michèle Dagenais, *Metropolitan Natures: Environmental Histories of Montreal* (2011); de Robert Freestone, *Cities, Citizens, and Environmental Reform: Histories of Australian Town Planning Associations* (2009); de Andrew Karvonen, *The Politics of Urban Runoff: Nature, Technology, and the Sustainable City* (2011) e de Daniel Schneider, *Hybrid Nature: Sewage Treatment and the Contradictions of the Industrial Ecosystem* (2011). Reunindo esses estudos originais, sobre 22 cidades, espalhadas por dez países, o autor trouxe para o debate as contribuições dos historiadores de todos os âmbitos, como por exemplo, historiadores culturais, paisagísticos, da ciência, da tecnologia, entre outros. Demonstrando, portanto, um panorama do trabalho histórico desses autores quem inclui uma gama de disciplinas, como a antropologia, arquitetura, arquitetura paisagística, planejamento, estudos urbanos, geografia, ecologia, ciências ambientais e estudos de sustentabilidade. O autor pontuou, ainda, que as obras analisadas formam uma grande diversidade, pois os tópicos e as estruturas de cada livro são amplamente variados e, tomados em conjunto, essa análise permitiu perceber a amplitude interdisciplinar, a variação metodológica e o alcance geográfico, os quais refletem o estado atual

³⁶ WELLS, Christopher W. “Green Cities, the Search for Sustainability, and Urban Environmental History”. *Journal of Urban History*, v. 40, n. 3, p. 613-620, 2014.



do subcampo da História Ambiental Urbana.

O artigo intitulado *History Lessons: What Urban Environmental Ethics Can Learn from Nineteenth Century Cities* (2015)³⁷, de Samantha Noll, publicado pelo *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, trouxe informações nas quais os teóricos da época de sua escrita, ou seja 2014, trabalharam na ética ambiental urbana, buscando também, elaborar análise dos contextos urbanos do século XIX. A autora argumentou que uma análise dos contextos urbanos durante este período demonstrou dois conjuntos de compromissos metafísicos concorrentes, os quais, quando aprovados, transformaram o *design* dos ambientes urbanos e também, a relação dos indivíduos com o mundo natural. Assim, para a autora, é necessário ser particularmente cuidadoso ao escolher uma base metafísica para a ética ambiental urbana, pois, tudo está relacionado ao projeto específico e à aceitação implícita de alguns compromissos que podem prejudicar os objetivos gerais do projeto. A autora, ao realizar a análise histórica, contribuiu para alguns *insights* do campo da ética ambiental, através do que ela chama de “ponto cego urbano”. O seu principal objetivo foi de ajudar a construir uma base metafísica significativa para projetos que utilizavam contextos históricos, pois o trabalho nesta área pode sofrer grandes prejuízos se não examinados ou se estão fundamentados em conceitos problemáticos.

Por fim, a publicação do livro *Concepts of Urban Environmental History* (2020)³⁸, organizado por Sebastian Haumann; Martin Knoll e Detlev Mares teve, como ponto de partida, desconstruir a discussão histórica de que as cidades e a natureza são dois campos distintos de investigação. Com esta finalidade, é apresentado o conceito de *História Urbano-Ambiental* trazendo diversos autores da História Ambiental Urbana como, por exemplo, Martin Melosi e Sabine Barles, com objetivo de oferecer debate sobre a questão, discutindo os principais conceitos e as questões-chave que fomentam os debates recentes neste campo de estudo. O livro oferece uma visão abrangente para pesquisadores e estudantes da história e das diferentes áreas, de caráter interdisciplinar e é composto pelos

³⁷ NOLL, Samantha. “History Lessons: What Urban Environmental Ethics Can Learn from Nineteenth Century Cities”. **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 28, n. 1, p. 143-159, 2015.

³⁸ HAUMANN, Sebastian; KNOLL, Martin; MARES, Detlev (Ed.). **Concepts of Urban Environmental History**. Pittsburg: Pittsburg University Press, 2020.



seguintes capítulos: 1) *Technosphere*, Chris Otter; 2) *Socio- Natural Sites*, Winiwarter; Schmid; 3) *Materiality and Practice Theory*, Haumann; 4) *Party-Dependency and Trajectories*, Bernhardt; 5) *Risk and Resilience*, Dominik Collet; 6) *Sustainability*, Ansgar Schanbacher; 7) *Urban Metabolism*, Sabine Barles; 8) *Material Flows and Circular Thinking*, Heike Weber; 9) *Urban Infrastructure and the Cultural Turn*, Martin Melosi; 10) *Cities and Rivers*, Uwe Lubken; 11) *Urban Energy Consumption, Mobility and Environmental Legacies*, Christian Zumbrägel; 12) *Animals in Urban-Environmental History*, Dorothee Brantz.

Considerações Finais

A delimitação do campo historiográfico da História Ambiental possibilitou refletir historicamente sobre as cidades em sua relação com a natureza. A expansão da industrialização na segunda metade do século XX converteu as cidades de todo mundo em espaços privilegiados para a produção e a reprodução do capital, provocando fortes impactos ambientais e sociais. Nesse sentido, a partir da década de 1990 avançaram as investigações no campo da História Ambiental Urbana, em função do deslocamento do olhar do historiador para questões acerca da construção histórica do ambiente urbano; os efeitos negativos da industrialização e do consumo massivo; os esforços de conservação e recuperação ambiental das cidades pré-industriais e industriais; bem como os intercâmbios ou “metabolismo social” entre a cidade, os territórios e os ecossistemas que a constituem. Tais debates tornaram-se, entre outros temas centrais da História Ambiental Urbana, como observa Stéphanie Frioux, no entanto, contemporaneamente marginalizados, situados entre discussões da História Urbana e História das Tecnologias.

A consolidação do História Ambiental como campo autônomo de estudos e sua relevância no conjunto da produção historiográfica contemporânea, não se fez acompanhar da evolução de seu subcampo, o da História Ambiental Urbana, delineada a partir da constatação da ausência de discussões sobre urbano e a cidade nos estudos sobre História Ambiental. Desta maneira, este artigo procurou apresentar estudos sobre História Ambiental Urbana problematizando seu contexto, buscando estabelecer quais temas, abordagens e perspectivas



teóricas são tratados, bem como seus principais autores e correntes. Por fim, com intuito de contribuir para cobrir lacunas de conhecimento e de análises sobre esta temática, foi apresentada uma revisão historiográfica constituída a partir da análise de 14 artigos e um livro com recorte da História Ambiental Urbana, tendo como procedimento metodológico a Revisão Sistemática da Literatura (RSL) sobre os estudos de História Ambiental Urbana.

Data de submissão: 14/10/2023

Data de aceite: 15/11/2023

Referências

- BILLEN, Gilles; GARNIER, Josette; BARLES, Sabine. "History of the urban environmental imprint: introduction to a multidisciplinary approach to the long-term relationship between Western cities and their hinterland". **Regional Environmental Change**, n. 12, p. 249-253, 2012.
- BOULDING, Kenneth. "The Economics of the Coming Spaceship Earth". In: JARRETT, H. (Ed.). **Environmental Quality in a Growing Economy**, Baltimore, MD: Resources for the Future/Johns Hopkins University Press, 1966. p. 3-14.
- BROSNAN, K. A. "Effluence, Affluence, and the Maturing of Urban Environmental History". **Journal of Urban History**, v. 31, n. 1, p. 115-123, Nov. 2004.
- CAMARGO, Frank Molano. "La historia ambiental urbana: contexto de surgimento y contribuciones para el análisis histórico de la ciudad". **ACHSC**, v. 43, n. 1, Ene-Jun. 2016.
- CARSON, Rachel. **Silent Spring**. New York: First Mariner Books, 1962.
- DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- EHRlich, Paul. **The Population Bomb**. New York: Balantine Books, 1968;
- WHITE, Lynn. "The Historical Roots of Our Ecologic Crisis". **Science**, v. 155, n. 3767, p. 1203-1207, Mar. 1967.
- FISHER, Colin. "Nature in the City: Urban Environmental History and Central Park". **OAH Magazine of History**, v. 25, n. 4, p. 27-31, Oct. 2011.
- FRIoux, Stéphane. "At a green crossroads: recent theses in urban environmental history in Europe and North America". **Urban History**, v. 39, n. 3, p. 529-539, Aug. 2012.
- GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa; RICARTE, Ivan Luiz Marques. "Revisão Sistemática da Literatura: conceituação, produção e publicação". **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, Set. 2019/Fev.2020.
- HAUMANN, Sebastian; KNOLL, Martin; MARES, Detlev (Ed.). **Concepts of Urban Environmental History**. Pittsburg: Pittsburg University Press, 2020.



- HAYS, Samuel. "From the History of the City to the History of the Urbanized Society". **Journal of Urban History**, p. 3-25, 1994.
- KELLOGG, Wendy A. "Nature's Neighborhood: Urban Environmental History and Neighborhood Planning". **Journal of the American Planning Association**, v. 68 n. 4, 2002.
- KEYES, Jonathan J. "A Place of Its Own: Urban Environmental History". **Journal of Urban History**, v. 23, n. 3, p. 380-390, Mar. 2000.
- KLANOVICZ, Jo. "O antropoceno e outras periodizações para uma história ambiental do tempo presente". In: ELÍBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael (org.). **Tempo presente: uma história em debate**. Rio de Janeiro: Autobiografia; Recife: EDUPE, 2019.
- LE ROY LADURIE, Emmanuel. "Présentation". **Annales – Économies, Sociétés, Civilisations**, v. 29, n. 3, 1974.
- MAX, Leo. **The Machine in the Garden**. New York: Oxford University Press, 1964.
- MEADOWS, Donella H; MEADOWS, Dennis L; RANDERS, Jorgen; BEHRENS III, William W (1972). **The Limits to Growth - A Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind**. New York: Universe Books, 2017.
- MELOSI, Martin. **Effluent America - Cities, Industry, Energy, and the Environment**. Pittsburgh: University of Pittsburg Press, 2001.
- MELOSI, Martin. "The place of the City in Environmental History". **Environmental History Review**, v. 17, n., p. 1-23, 1993.
- MERCHANT, C. **Reinventing Eden: The Fate of Nature in Western Culture**. New York: Routledge, 2004.
- NASH, Roderick. "American environmental history: a new teaching frontier". **Pacific Historical Review**, n. 41, p. 362-372, 1972.
- NOLL, Samantha. "History Lessons: What Urban Environmental Ethics Can Learn from Nineteenth Century Cities". **Journal of Agricultural and Environmental Ethics**, v. 28, n. 1, p. 143-159, 2015.
- PÁDUA, José Augusto. "As bases teóricas da história ambiental". **Estudos Avançados**, n. 24, v. 68, p. 81-101, 2010.
- PLATT, Harold L. "The emergence of urban environmental history". **Urban History**, v. 26, n. 1, p. 89-95, May 1999.
- SEDREZ, Lise. "Desastres socioambientais, políticas públicas e memória — contribuições para a história ambiental". In: **Migrações e natureza**, edited by Eunice Nodari and Sílvio Correia, 185-202. São Leopoldo: Oikos, 2013.
- SEVCENKO, Nicolau. "Aceleração tecnológica, mudanças econômicas e desequilíbrios". In: **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 23-54
- STEPHENSON, Bruce. "The Essence of a Contradiction". **Urban Environmental History**, v. 31, n. 6, p. 887-898, Sep. 2005.
- TARR, Joel A. "The Material Basis of Urban Environmental History". **Environmental History**, v. 10, n. 4, p. 744-746, Oct 2005.
- TARR, Joel Tarr; ROSEN, Christine. "The importance of an Urban Perspective in Environmental History". **Journal of Urban History**, p. 299-310, 1994.
- TARR, Joel. "Urban Environmental History". In: UEKÖTTER, Frank (Ed.) **The Turning Points of Environmental History**. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 2010.



WELLS, Christopher W. "Green Cities, the Search for Sustainability, and Urban Environmental History". **Journal of Urban History**, v. 40, n. 3, p. 613-620, 2014.

WORSTER, Donald. **The Ends of the Earth: Perspectives on Modern Environmental**. New York: Cambridge University Press, 1988.

WORSTER, Donald. "Transformations of the Earth: Toward an Agroecological Perspective in History". **Journal of American History**, v. 76, n. 4, p. 1087-1106, 1990.

